

BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS

FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

Rua Pirapitinguí, 80 — São Paulo, Brasil

VOL. XXIII

DEZEMBRO DE 1961

N.º 6

Sumário:

- Palavras aos novos médicos* — Dr. EURICO BRANCO
RIBEIRO 83
- Bloqueio do plexo hipogástrico superior pela
alcoholização no tratamento das algomenor-
reias* — Dr. JOSÉ SALDANHA FARIA 94



Boletim do Sanatório São Lucas

Suplemento de
"ANAIAS PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA"

Editado sob a direção do
DR. CLODOMIRO PEREIRA DA SILVA

pelo
SANATÓRIO SÃO LUCAS
FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

Diretor
DR. EURICO BRANCO RIBEIRO

♦
Órgão oficial da Sociedade Médica São Lucas
Rua Pirapitingui, 80, Caixa Postal, 1574 — São Paulo, Brasil



DIRETORIA — EXERCÍCIO DE 1961/1962

Presidente

DR. ENRICO RICCO

Vice-Presidente

PROF. CARLOS DE OLIVEIRA BASTOS

Primeiro Secretário

DR. EURICO BRANCO RIBEIRO

Segundo Secretário

DR. JOHN BENJAMIM KOLB

Primeiro Tesoureiro

DR. CLODOMIRO PEREIRA DA SILVA

Segundo Tesoureiro

DR. LUIZ BRANCO RIBEIRO

Bibliotecário

DR. ROBERTO DELUCA

Conselho Consultivo

DR. JOÃO NOEL VON SONNLEITHNER

DR. JOSÉ SALDANHA FARIA

DR. WALDEMAR MACHADO

DR. MOACYR BOSCARDIN

DR. PAULO G. BRESSAN

BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS

FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

VOL. XXIII

DEZEMBRO DE 1961

N.º 6

Palavras aos novos médicos(*)

DR. EURICO BRANCO RIBEIRO

Diretor do Sanatório São Lucas

Senhores: Sem temor de errar vos dizemos — e nisso conosco haveis de concordar — que, falar aos colegas que, ao fim da jornada acadêmica, estão atravessando os umbrais de uma austera escola de Medicina para se iniciarem no noviciado da vida profissional é tarefa sumamente honrosa, principalmente para quem moureja fora das lides universitárias, embora empenhado em misteres que visam os progressos da cirurgia.

Aceitando a responsabilidade de dirigir-vos palavras de saudação e estímulo, antes de, como novos esculápios, tomardes o rumo da vossa preferência neste fervilhar de lutas, sucessos e desenganos que vai cá fora, tomamos bem em conta, em contraposição à nossa própria experiência, o encastelamento de sabedoria e de esperanças criadas e entretidas pelos mestres e pelo estudo no vosso ânimo, preparando-vos para que possais empunhar, sem desdouro, o diploma de médico, que vos confere a faculdade de medicar enfermos, praticar intervenções, realizar exames, fazer pesquisas, e, por que não?, orientar clínicos antigos com os conhecimentos recentes que acabais de adquirir.

Assim, de um lado vemos em vós a ciência moderna, apta a responder a todas as questões suscitadas pelas contingências do exercício da Medicina, pronta para apresentar mil e uma soluções a cada problema que se apresente, numa doutrinação eloqüente e brilhante, tal como vos foi ensinado pelos detentores das cátedras. Do outro lado, vemos em nós a vida prática cheia de tropeços, esbarrando em dificuldades sem conta, inerme no combate a umas tantas enfermidades, incapaz de muita vez contornar certos desequei-

(*) Palavras proferidas para novos médicos da turma de 1961.

livros econômicos, lutando valentemente contra a falacidade das virtudes alegadas na propaganda dos medicamentos.

Mas não vamos insistir, por desnecessário, na apologia desse cabedal precioso de conhecimentos que a escola vos ministrou nem vamos repetir os sábios conselhos que os vossos mestres ilustres não se cansaram de vos dar. Também não vamos pintar, com as cores fortes da realidade, o ambiente agridoce em que amanhã ireis viver, pois tendes noção dele, como partes integrantes que sois da sociedade em que vivemos.

Limitar-nos-emos a apresentar-vos alguns exemplos que vos poderão ser úteis durante o exercício da carreira que ora encetais. Iremos colhê-los no exame da vida e da obra do patrono da nossa profissão. Antes de fazê-lo, um conselho vos queremos dar: dedicai sempre respeito, reverência e culto aos vossos mentores, não só aqueles que conhecestes de perto, mas, também, aos que — mortos ou vivos — contribuíram para a vossa formação médica.

Embora geralmente deslembado, o patrono dos médicos é uma das figuras mais empolgantes do Cristianismo e a sua passagem pela Terra deixou-nos uma série imensurável de motivos edificantes para a orientação dos passos que todos devemos dar na prática da Medicina. Pouco se sabe acerca de sua biografia. Mas a obra que deixou escrita e que consistiu na mais sadia difusão dos ensinamentos do Cristo, deixa entrever, com clareza e segurança, que possuía uma personalidade do mais alto estalão, digna de ter sido escolhida pelo Senhor para redigir a Escritura Sagrada no que concerne à Boa Nova.

Realmente, São Lucas, o patrono dos médicos, é o autor do Terceiro Evangelho. Ora, essa parte do Novo Testamento é "o mais belo livro que há", na opinião abalisada de Renan. Basta essa apreciação para que possamos fazer idéia do seu precioso conteúdo, imaginando como nos apresenta exemplos magníficos, capazes de orientar a nossa conduta profissional. Não se resume nessa obra, porém, o que nos legou São Lucas. O seu segundo livro, em que descreve os primórdios do Cristianismo, está, também, prenhe de ensinamentos aproveitáveis e há, além disso tudo, episódios de sua agiografia que nos oferecem ensêjo para digressões altamente educativas. Assim, na obra e na vida desse evangelista vamos encontrar um verdadeiro paradigma para aferir os nossos anseios e pautar os nossos atos.

É sabido que São Lucas era médico. Informam-no as mais remotas fontes da literatura cristã; afirma-o o próprio São Paulo na sua Epístola aos Colossenses, IV, 14. Era médico de bordo, percorrendo as vias marítimas do Mediterrâneo e do Egeu. Encontrou com São Paulo no porto de Trôas, fê-lo passar para a Macedônia e, mais tarde, acompanhou-o nas suas peregrinações, arrosando com ele os perigos que podiam apresentar a evangelização

dos gentios e a própria natureza das viagens feitas por terra e por mar.

Se atentarmos para a alegação de alguns escolásticos, segundo a qual São Lucas acompanhou São Paulo porque este era doente e necessitava dos seus serviços profissionais, teremos nisso um primoroso exemplo da dedicação que o médico deve ter para com os seus enfermos, exemplo de uma assistência persistente e carinhosa, exemplo de um devotamento levado ao sacrifício de outras aspirações que pudesse ter um jovem esculápio. E essa dedicação, essa assistência, esse devotamento não se fizeram sentir somente nos dias iluminados da doutrinação produtiva, mas se acentuaram nas horas amargas das perseguições, nos momentos tristes do quase total isolamento, quando todos fugiam diante das violências da polícia romana, arrancando da pena do velho enfermo o testemunho da presença consoladora do seu médico muito amado: "só Lucas está comigo", escreveu São Paulo na II Epístola a Timoteo, IV, 11. Mais que isso ainda: na hora do martírio, quando o apóstolo dos gentios era levado para fora dos muros de Roma a fim de ser decapitado, São Lucas seguiu de longe o grave cortêjo, dando ao velho cliente e amigo a assistência espiritual que a sua personalidade privilegiada podia irradiar nas preces que estava dirigindo ao Senhor.

É, sem dúvida, realmente edificante a atitude mantida por São Lucas em relação a São Paulo. Ela nos instrui, a nós médicos, quanto à conduta que devemos seguir junto àqueles que nos entregam os cuidados de sua saúde, seja nos momentos eufóricos das melhorias acentuadas, seja nas fases negativas da evolução do mal, seja ainda na agonia final das doenças irremovíveis, quando uma palavra animadora do clínico, e, às vezes, mesmo a sua simples presença, se reveste da doçura de um divino lenitivo, confortador e enebriante, capaz de afastar os temores do trespasse para induzir a miragem paradisíaca de uma morada angelical. Que exemplo magnífico, esse, de persistência, de dedicação, de devotamento na assistência à criatura que se entregou aos cuidados do médico!

Mas, das lições médicas que São Lucas nos proporcionou, vemos encarecer aquela em que ele nos indica o caminho a seguir em assuntos de ética profissional. Todos sabemos como é importante para o bem da coletividade e para a harmonia das relações entre os profissionais da arte de curar uma conduta baseada na observância das normas estabelecidas pelos códigos de Deontologia. A prática da Medicina está prenhe de tentações a solicitar do clínico, para benefício pessoal ou de outrem, atitudes discordantes das praxes que a Sociedade admite e que a Moral aprova. Nos tempos hipocráticos já se fazia empenho em evitar uma conduta que prejudicasse física ou moralmente o enfermo ou que redundasse em desmérito para os colegas de profissão. "Conservarei pura a minha vida e a minha arte", instigava Hipócrates, fazendo com que

a frase fôsse repetida pelos que juravam exercer a Medicina dentro da nobreza que encerra. São Lucas não fêz alarde dos preceitos deontológicos, mas êle próprio nos deu exemplo eloqüente de como íavemos de tratar os colegas, fazendo jús ao título que lhe foi atribuído de "mestre da Ética". O fato está na passagem evangélica da cura da mulher que sofria das perdas sanguíneas. A descrição feita pelos outros autores do Nôvo Testamento reproduz o que normalmente era contado pelo povo, que narrava o fato salientando a falha dos recursos empregados pelos médicos, mediante pagas que haviam esgotado as possibilidades monetárias da paciente, com o intuito de ressaltar a significação de uma cura feita gratuitamente pelo Messias num abrir e fechar de olhos. Era o contraste o que queriam salientar. De um lado, longos anos de dispendioso e ineficaz tratamento; do outro, a solução pronta e sem sacrifícios para uma enfermidade que se vinha arrastando por mais de uma década. A quem lê a passagem, pode parecer que os médicos haviam protelado a cura da paciente com o intuito de lhe tirarem o dinheiro. Em São Marcos V, 25 e 26, está escrito que a mulher padecia por doze anos de uma hemorragia e tinha sofrido bastante às mãos de muitos médicos e gasto tudo quanto possuía, sem nada aproveitar, antes ficando cada vez pior. Na simplicidade eloqüente da sua palavra, São Lucas diz apenas, em VIII, 43, que por doze anos estava padecendo de hemorragia uma mulher, a quem ninguém podia curar, sem acrescentar qualquer comentário sôbre os gastos feitos nem sôbre longa protelação da cura, mas afirmando, sem deixar qualquer dúvida, que se tratava de doença que "ninguém podia curar". Não havia imperícia nem exploração por parte dos médicos que a tinham atendido.

A comparação dos textos oferece-nos a oportunidade de aprofundar as nossas meditações no lodaçal da maledicência humana, sempre ávida em dar curso a interpretações as mais das vêzes errôneas sôbre as dificuldades com que se depara o médico em muitas contingências da clínica, procurando denegrir o esforço por vêzes hercúleo de um facultativo, que pode ter lançado mão dos mais aperfeiçoados recursos para vencer uma doença, sem ter tido a satisfação de ver coroado de êxito o seu trabalho. Por outro lado, êsse episódio bíblico mostra-nos a conduta exemplar de um médico que se vê na obrigação de referir o insucesso de seu pares. Não os censura. Não acentua a ineficácia de sua atuação. Não se refere ao dinheiro que receberam para atender à paciente e, muito menos, faz alusão ao esgotamento dos recursos pecuniários da pobre enferma. Na afirmativa de que era doença que "ninguém podia curar", exime de culpa os esculápios da Terra e exalta o poder divino de Jesus, que reconheceu na enferma o uso da milagrosa panacéia denominada Fé. Sim: "A tua fé te curou, filha; vai-te em paz", disse-lhe o Cristo, conforme o testemunho dos três evangelhos sinóticos.

A panacéia da fé é ingrediente que devemos buscar para metê-lo em tôdas as nossas terapêuticas. Com êle só, muitas curas podemos fazer, principalmente nos domínios da psiquiatria. Mas tem lugar de uso em todo o amplo campo da Medicina. Havemos de incuti-lo na mente dos nossos pacientes, para que recebam com confiança as drogas que lhes ministramos, acreditando nos seus possíveis efeitos e fazendo com que as reações dos seus organismos sejam mais prontas, mais completas, mas eficientes. O doente que ingere um medicamento convicto de que não lhe fará bem pre-dispõe negativamente o seu sistema de relações e a droga não encontrará terreno propício para desenvolver tôda a ação de que é capaz quando há receptividade. Da mesma forma, se o doente não possuir fé no médico, o que vale dizer: se o médico não soube ou não poudé incutir fé no espírito do doente, perderá a terapêutica uma parte muito grande da sua potencialidade. Mas onde o médico necessita com mais vigor da fé do seu cliente é nas temerosas arrancadas da Cirurgia, onde o indivíduo vai lhe entregar, muita vez, a decisão de uma existência, seja no tempo, seja na maneira de usufruí-la. Aí é que a fé pode operar os seus maiores milagres, pois que é capaz de conduzir a verdadeiras ressuscitações. E como pode o médico difundir a fé?: pela sua conduta, observando a já citada recomendação de Hipócrates de conservar puras a sua vida e a sua arte. Não basta que conserve pura a sua arte, aperfeiçoando-a, tornando-se cada vez mais hábil e não a maculando com usos indevidos. É preciso, também, que o médico procure conservar pura a sua vida, a sua vida profissional, a sua vida na sociedade, a sua vida na intimidade da família. Não se pode conceber que um indivíduo proceda bem como profissional e seja um mau cidadão ou um mau chefe de família. Se prevaricou na sua vida privada, é capaz, com mais facilidade ainda, de também prevaricar no exercício de sua profissão. Cumpre, pois, como já ensinava o mestre de Cós, que o médico mantenha um comportamento exemplar, para honra de seu ofício, para sucesso de sua carreira, para benefício dos que recorrem aos seus conhecimentos.

No estudo da vida e da obra do seu patrono, encontrará o médico estímulo para agir dessa maneira. Verá que São Lucas se exime de citar nomes quando tem de narrar atitudes desprimorosas ou fatos que firam o pudor. Cita os fatos, silencia sôbre as pessoas. Suas palavras são medidas. Suas expressões, adequadas. Nele tudo é narrado com minúcia, com exatidão, com propriedade.

Devemos todos nós agir na prática quotidiana com o mesmo alto espírito de crítica seletiva e racional que êle mostrou possuir no mais elevado grau quando redigiu a sublime oração dominical que o Cristo ditara aos discípulos. É notável, excepcionalmente notável — e não é favor algum fazer-se aqui uma exaltação ao superlativo — é notabilíssimo o critério com que São Lucas se houve no capítulo XI versículos 2, 3 e 4, do seu Evangelho, ao procurar

transmitir à posteridade um modelo de oração que sintetizasse a essência dos nossos anseios sem a interpolação de expressões desnecessárias e até prejudiciais por poderem despertar idéias errôneas em relação aos ensinamentos do Cristianismo.

O Pai Nosso de São Lucas é um modelo de síntese e perfeição. Corrigiu o evangelista os excessos de palavras e as redundâncias de expressões que a prática havia incluído e que, por mais estranho que pareça, a tradição fez chegar até nossos dias, com o beneplácito dos mentores espirituais da Cristandade.

São Lucas teve de analisar o texto já divulgado de São Mateus e de enfrentar o uso popular de uma linguagem que ainda hoje comumente se repete sem atentar para o significado das palavras. Não se intimidou com o que estava em voga. Escreveu o que devia escrever. Já os cristãos, hoje em dia, não usam mais a parte final do Pai Nosso de São Mateus, que reza assim: "porque vosso é o reino e o poder e a glória, para sempre".

Nesse trecho, apresentava-se enfaticamente uma exaltação da autoridade divina, que todos reconhecemos e não precisamos declinar, justamente quando vamos recorrer a ela para apresentar os nossos rogos. Se não a reconhecêssemos, não teria sentido a nossa oração. Por isso, sem dúvida, São Lucas a excluiu do seu texto. E excluiu muita coisa mais.

No início, limitou-se à invocação. Era peça necessária. Temos de tornar claro a quem estamos nos dirigindo. "Pai Nosso", somente. O "que estais nas céus" é um atributo que não devia figurar. E não devia figurar por conter um significado capaz de determinar controvérsias. Se Deus está colocado no Céu ou nos céus, como poderemos compreender que está presente em toda parte, inclusive na Terra?, que, para muitos, é a antítese do céu, pois — ensina a Bíblia — "no princípio, Deus criou o céu e a Terra", portanto duas coisas diferentes. São Lucas exclui essa possibilidade de divergência de entendimento.

Exclui, também, o "assim na Terra como no Céu", pois que o reino de Deus é obrigatoriamente universal, não havendo necessidade de dizer-se onde desejamos esteja ele implantado. Para os que reconhecem a vida terrena e a extraterrena como existências similares, igualmente regidas pelas leis divinas, as palavras de São Mateus traduzem a confirmação de sua crença, mas não são necessárias na parte volitiva da oração dominical.

Passando à parte rogativa, São Lucas a reduz de 4 para 3 solicitações, relacionando-as, inteligentemente, ao presente, ao passado e ao futuro. Suprime a súplica final — "e livrai-nos de todo mal" — por considerá-la contida no rogo precedente — "não nos deixeis cair em tentação". Com isso, permanecem o pedido para o presente: o pão de cada dia; o pedido para o passado: o perdão das faltas; e o pedido para o futuro: a prevenção das tentações. Que síntese maravilhosa e completa!

Seguindo o exemplo de seu grande patrono, devem os médicos encontrar na simplicidade da síntese a solução pronta para os problemas que se lhes apresentam. Nada de buscar filigranas de diagnóstico quando as linhas mestras do mesmo possam ser percebidas e possam conduzir a uma orientação capaz de jugular o mal, numa ação rápida e pronta. Nada de entrar em discussões acadêmicas, se urge tomar medidas tendentes a solucionar uma emergência. Nada de complicar a terapêutica, misturando-a com os ingredientes aconselhados por mil e uma teorias, embora concordantes. Nada de sobrecarregar os pacientes com remédios vários, todos visando o mesmo fim, nem, tampouco, administrar-lhes coadjuvantes de escasso efeito tão só para demonstrar conhecimentos pessoais ou para fazer simples encenações. Usá-los, sim, quando fôrem realmente úteis, podendo concorrer para a desejada solução. A sabedoria está no julgamento do que seja o bastante para resolver o caso.

E quanta sabedoria podemos colher nos exemplos que nos deixou São Lucas!

Diz-se que êle merece ter o título de patrono dos historiadores, pela exatidão com que descreveu os fastos do início da Cristandade. Deveras, o seu diário, que outra coisa não é o seu livro "Atos dos Apóstolos", encerra anotações pormenorizadas e preciosas como as que o médico deve fazer para o registro da história clínica dos seus pacientes. Fazendo uma narrativa criteriosa dos primórdios do Cristianismo, desde o advento do Cristo, deixou-nos São Lucas um documentário precioso de que se tem valido a Humanidade para a melhor compreensão dos ensinamentos do Mestre. Da mesma forma, anotando com cuidado as queixas e o estado dos seus doentes, o médico vai construindo as bases seguras em que colocará o seu diagnóstico e ditará a sua terapêutica. Ademais, o registro minucioso do material humano que passar sob as suas vistas de médico será um cabedal precioso para a revisão documentada de resultados, que contribuirá para o seu próprio aperfeiçoamento no exercício da profissão, tanto quanto para a feitura de trabalhos científicos com que transmita os frutos amadurecidos da sua experiência aos colegas que necessitam de orientação em determinados campos da Medicina a que se tenha dedicado. Que êsse exemplo de São Lucas sirva de estímulo para a organização dos fichários clínicos nos serviços privados. Não é necessário que contenham todos os dados negativos que um exame completo do indivíduo possa indicar. Mas devem conter, essencialmente, a história pormenorizada da moléstia desde as suas mais remotas manifestações, os resultados dos exames a que o enfêrmo tenha sido submetido em diversas épocas, a descrição do exame somático e do estado psíquico atuais e as indicações terapêuticas feitas no momento. Dentro dêsse esquema sintético, de maneira ordenada e clara, poderá o médico construir, para o seu uso ou o de terceiros, um manancial valioso de informações, que lhe será sumamente útil, que terá

utilidade para outrem, que servirá, em casos especiais, para esclarecimento da própria Justiça. Sim, a própria Justiça se alicerça nos elementos que o médico lhe fornece.

Vejamos, a propósito, como a Medicina Legal encontra na história de São Lucas uma das suas mais belas lições. Vale a pena lembrar certos fatos que se passaram com o corpo do terceiro evangelista, para que se possa pôr em realce o valor de uma perícia médica diante das deturpações da verdade compelidas por interesses inconfessáveis. Recordemos alguma coisa do que ocorreu com o corpo de São Lucas, depois da sua morte na paradisíaca região da Bitínia, nas costas do Mar Negro. Conta-se que por ordem do imperador Constâncio II, no ano 357 os despojos do santo foram levados para a capital bizantina e ali depositados no Templo dos Doze Apóstolos. Essa igreja foi destruída por um terremoto e o corpo de São Lucas ficou sepultado entre os escombros por cerca de dois séculos. Em 527 o imperador Justiniano empreendeu a reconstrução do templo e as relíquias do santo foram encontradas e expostas à visitação e ao culto do público. Aconteceu que, estando em Constantinopla como núncio apostólico, São Gregório Magno obteve do Imperador Tibério, em 586, a permissão de levar para o Vaticano a cabeça de São Lucas, pois não se podia compreender que Roma não possuísse uma relíquia de tão importante divulgador do Cristianismo. Os ossos restantes ficaram em Constantinopla, até que sobreveio, em meados do Século VIII, a fúria iconoclasta desencadeada pelo imperador Constantino V. Para resguardar preciosos despojos no Templo dos Doze Apóstolos, o seu zelador, mais tarde santificado com o nome de Santo Úrio, conseguiu fugir para a Itália, levando, entre outros, o corpo de São Lucas, que foi depositado em Pádua, na igreja de Santa Justina. Ali está ele até hoje, em singela capela, quase que esquecido dos fiéis, mas já teve fase de grande popularidade, atraindo romarias e praticando curas espetaculares, referidas nos arquivos daquela cidade.

Ora, houve tempo em que Veneza estava no auge do seu fausto e riqueza e os seus governantes quiseram premiar a cidade com as relíquias de um santo, levando da Bósnia para a igreja de São Jó, em 1463, o corpo de um santo, que foi apresentado como sendo o do evangelista. É claro que logo se estabeleceu uma tremenda disputa entre Pádua e Veneza, cada uma pretendendo ser autêntica o seu São Lucas. Uma perícia tinha de ser feita e foi determinada pelo doge Cristóforo Moro. Em Pádua, os médicos Paolo Belegardo e Francesco Passere, assistidos pelas autoridades civis, abriram o esqueleto da igreja de Santa Justina e verificaram que continha os ossos de um indivíduo de idade avançada, faltando os da cabeça. De tudo foi feito um laudo, que é modelo de precisão. Ao mesmo tempo, em Veneza era examinada a relíquia da Igreja de São Jó, constituída de um esqueleto de indivíduo jovem, morto em época muito mais recente do que aquela em que vivera o evangelista. Pois

bem, o doge não se conformou com a evidência das perícias feitas e decretou que o corpo autêntico de São Lucas era o da sua capital! Os protestos de Pádua chegaram ao Vaticano e o Papa incumbiu de derimir a questão o cardeal que era seu legado junto ao governo do doge. O assunto passou, assim, do terreno da técnica para o da diplomacia e não foi difícil aparecer um documento apócrifo que deu ganho de causa a Veneza. Em revide, os patavinos proclamaram, solenemente, o seu São Lucas como patrono dos médicos e dos filósofos e intensificaram os seus esforços para anular a sentença do núncio apostólico. E como o conseguiram?: pela argúcia de um velho sacerdote da Basílica de São Pedro, de Roma, que acalmou os ânimos dos patavinos dizendo-lhes que, se Pádua se mostrava tão interessada em defender a autenticidade da sua reliquia, também os que viviam na Basílica Vaticana teriam de se mostrar, igualmente, interessados no reconhecimento da mesma, visto que, do contrário, também seria posta em dúvida a autenticidade da cabeça de São Lucas, por tantos séculos conservada e venerada no Vaticano e cuja lembrança se achava apagada na memória dos que discutiam a questão. O seu argumento foi levado à comissão de cardeais que fôra nomeada para estudar as reivindicações de Pádua; fêz-se uma perícia na urna que continha a cabeça trazida de Constantinopla por São Gregório Magno e a solução foi derrogar a sentença que havia favorecido Veneza.

Esse vibrante episódio de um passado não muito distante e concernente à pessoa de São Lucas é um exemplo do valor da perícia médico-legal bem conduzida, mostrando que pode se constituir em elemento capaz de vencer os interesses dos potentados a favor da verdade, por mais que se intente desvirtuá-la à custa de falsos documentos. Havemos que escarear o papel do médico em situações como essa. Da sua conduta e dos argumentos que podem decorrer dos fatos por ele verificados seguramente surgirá, um dia ou outro, a exata manifestação da Justiça.

Consideremos ainda, para terminar, uma passagem do Evangelho de São Lucas, referida também por São Mateus (VIII, 28) e São Marcos (V, 9), que merece a atenção dos que exercem atividades clínicas. É aquela do episódio da cura do endemoniado geraseno. Tratava-se de um homem possesso, como outros muitos que nos refere a Bíblia, mas que apresentava uma demência sumamente impressionante, pois que "de muito não vestia roupa e não habitava em casa alguma, porém nos sepulcros" (VIII, 27). Vendo esse homem, Jesus perguntou-lhe: "Qual é o teu nome?" E ele respondeu: "Meu nome é legião", pois que "eram muitos os demônios que nele haviam entrado" (VIII, 30).

A Medicina não pode ignorar os fenômenos da possessão. Ao se referir a eles, São Lucas os descreve de maneira a não os confundir com moléstias físicas, capazes de determinar manifestações clínicas. O seu discernimento nesse particular é digno dos maiores

encômios e tem sido assinalado por muitos autores. As idéias materialistas que predominaram, por algum tempo, nos domínios da Medicina, procuraram encontrar justificativas para umas tantas manifestações psíquicas difíceis de serem explicadas à luz das teorias por elas engendradas. A evidência dos fatos, entretanto, continuou alertando os cientistas ávidos de mais razoáveis explicações. Na sabedoria das Sagradas Escrituras, encontrou a chamada Medicina Psico-somática os fundamentos com que pôde rapidamente se impôr à consideração dos clínicos. O indivíduo não é somente aquele corpo material sujeito a contaminar-se com um sem número de mazelas, mas é um misto de corpo e de alma, cujas reações se entrelaçam, produzindo uma gama interminável de sintomas. Ao apreçar as queixas que o paciente apresenta e ao examiná-lo, não deve o médico olvidar o contingente espiritual que pode estar dominando ou participando, ainda que em pequena parcela, o quadro mórbido observado. A Medicina psico-somática considera a dor, tão variável de indivíduo a indivíduo nas suas múltiplas acuidades, como u'a manifestação da personalidade, porque cada pessoa reage diferentemente aos estímulos físicos e mentais, dificultando a compreensão dos fenômenos patológicos. A argúcia do médico está em discernir até onde estão atuando os estímulos físicos, para lhes dar o devido corretivo, e até onde predominam as influências espirituais necessitadas de diferente terapêutica. Muita vez, sem mesmo o saber, o médico, pela sua presença, pela confiança que inspira, pelas suas palavras conselheirescas, é capaz de remover, em todo ou em parte, as influências espirituais que estão afligindo o paciente ou complicando o seu sofrimento orgânico perfeitamente diagnosticado. Nesse particular, o exemplo de Jesus e dos discípulos é deveras elucidativo. Quanta vez com só o toque das divinas vestes do Senhor a doença foi afastada! Quanta vez os seus discípulos realizaram o milagre de curas espetaculares, pela sua exclusiva influência espiritual, como aquelas numerosas que São Lucas descreve nos Atos dos Apóstolos! Assim, também os médicos de hoje são capazes, às vezes pela sua só presença, de colher os louros de uma cura que eles próprios não sabem explicar nem mesmo compreender. É que temos sempre em ação dois agentes, em certos casos com predomínio quase exclusivo de um deles, — o material e o espiritual —, controlando, equilibrando, anulando ou agravando os fenômenos perceptíveis ao clínico. É sabido que as manifestações alérgicas dependem, em grande parte, do psiquismo do paciente, ocorrendo em certas circunstâncias emotivas. É sabido que o medo e as grandes emoções são capazes de criar úlceras do estômago e do duodeno com tendência a uma perfuração aguda precoce. O temperamento é uma expressão genérica indefinida que esconde a nossa ignorância acerca da real interferência das influências anímicas sobre as reações do organismo humano. É por isso tudo que a Medicina é ainda um cadinho de conhecimentos que se estão mis-

turando, que se somam ou que se contradizem, que concordam ou se opõem, que destroem verdades consideradas como tais ou que criam novos conceitos completamente inéditos, por sua vez sujeitos a revisão, a confirmação, a refutação, a realibitação, levando-nos a agir como prudência na externalização do nosso entendimento, que jamais deve assomar os páramos de um dogmatismo doutrinário. Daí a tolerância que haveis de consagrar às palavras que vos estamos dirigindo. E não haveis de estranhar que tomemos esse episódio do possesso geraseno, que abrigava no seu corpo uma legião de espíritos demoníacos, para lembrar àquêles que irão se dedicar à clínica a conveniência de terem sempre em vista os postulados da Medicina psico-somática, sendo, além de médicos do corpo, também médicos da alma, a fim de poderem colher resultados mais amplos no exercício da profissão. Atentemos para estas palavras de Russo: "Lucas, alma isenta de preconceitos, não só abraçou a nova revelação divina como também se convenceu dos novos métodos de curar enfermidades do corpo e da alma; tal a sua atitude sincera em face da nova arte de curar, não se pode atribuir-lhe houvesse admitido que unicamente Cristo estaria capacitado a operá-la, de vez que, nos Atos dos Apóstolos, segue os passos dêsses homens simples e incultos que repetiram todos os milagres executados pelo Mestre". Fazendo a apologia do magnífico patrono dos médicos, disse São Jerônimo: "Deixando para a Igreja o seu Evangelho e os Atos dos Apóstolos, São Lucas, o médico, mostrou-nos como os apóstolos se transformaram de pescadores de peixes em pescadores de homens, e ele mesmo se tornou de médico de corpo em médico da alma". Senhores! Sejam, como São Lucas, também um médico das almas, não em nos tornando sacerdotes exclusivos de uma seara que não nos compete cultivar, mas ajuntando às nossas cogitações orgânicas aquelas espirituais que nos levarão a melhor conhecer os nossos doentes, a melhor entender as suas queixas, a melhor traçar a nossa conduta terapêutica. E, assim, não teremos mais de repelir a alcunha de sacerdotes, que os sindicatos e os departamentos de defesa da classe vivem a derrocar, na suposição de que, com isso, estão nos defendendo contra a exploração freqüente de que somos vítimas sob a alegação de exercermos um sacerdócio. Sejam, sim, sacerdotes, pois que, fazendo a Medicina psico-somática, estaremos cuidando de coisas sagradas, estaremos cumprindo uma missão respeitável, estaremos exercendo uma profissão honrosa e elevada, de acôrdo com a trilogia assinalada nos dicionários. Sejam, pois, sacerdotes da Medicina!

Quantas outras ilações poderíamos tirar da vida e dos escritos de São Lucas para ilustrar esta digressão! O manancial que ele nos legou é copioso e cheio de ensinamentos. Procuremos conhecê-lo. Procuremos imitar os exemplos que nos apresenta. Procuremos ser médicos, na verdadeira acepção da palavra!

Bloqueio do plexo hipogástrico superior pela alcoolização no tratamento das algomenorreias(*)

Dr. JOSÉ SALDANHA FARIA

Chefe de Serviço do Sanatório São Lucas

Vimos ensaiando, desde o ano de 1939, no Sanatório São Lucas, em São Paulo, Brasil, no serviço cirúrgico do Dr. Eurico Branco Ribeiro, o emprêgo do álcool absoluto para o bloqueio do plexo hipogástrico superior.

Este método foi proposto e usado pela primeira vez pelos Drs. Ney Penteado de Castro e Eurico Branco Ribeiro, em 10 de junho de 1937, no Hospital da Beneficência Portuguesa de São Paulo. Os autores do método apresentaram o seu processo no Terceiro Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia, reunido no Rio de Janeiro, entre 16 e 22 de novembro de 1941.

Nesta ocasião, foram analisados os resultados da alcoolização do plexo hipogástrico superior, em 51 casos, sendo 4 de prurido vulvar e 47 de algomenorréias, com 76,2% de curas, 19,05% de insucessos.

Desta época para cá temos usado este método em várias centenas de pacientes com síndromos dolorosos e tróficos da esfera genital feminina, mais especialmente nos casos de algomenorréias.

Os nossos resultados são igualmente muito bons. Podemos afirmar que 75% dos pacientes se curaram ou se beneficiaram com este tratamento. Todos nós sabemos dos bons resultados que nos prestam os processos de alcoolização dos segmentos nervosos na terapêutica da dor. São conhecidos os trabalhos de Mandl, Swetlow e J. White, que praticaram a alcoolização do gânglio estrelado no tratamento da angina do peito.

No serviço do Prof. Alípio Correia Neto, em São Paulo, há mais de vinte anos vem-se empregando a alcoolização dos nervos intercostais para o tratamento da dor nas fraturas de costelas.

(*) Trabalho apresentado no XI Congresso Argentino de Obstetricia e Ginecologia, realizado em Buenos Aires de 22 a 27 de outubro de 1961.

Dietrich Blos, tratava as algomenorréias com injeção de álcool a 70º, pela via vaginal, injetando de cada lado do cólo uterino, procurando atingir os gânglios hipogástricos inferiores direito e esquerdo.

A. Davis, recomendava a alcoolização do plexo hipogástrico inferior, empregando 1 cc de álcool absoluto.

Paul Dambrin e Tarenne, em novembro de 1938, comunicaram à Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia de Toulouse, França, o uso do trifenol depositado sobre o plexo hipogástrico superior, após laparotomia e incisão do peritônio posterior, na altura do promontório, no tratamento das algomenorréias, com resultados satisfatórios.

Não vamos nos ocupar e nem desmerecer o valor e importância da operação de Cotte, que consiste na ressecção do plexo hipogástrico superior, ao nível do promontório e nem da operação de Castario, ambas universalmente consagradas e usadas.

Pelas dificuldades que poderão surgir à execução perfeita da ressecção do plexo hipogástrico superior, em um certo número de pacientes, justifica-se o bloqueio deste mesmo plexo pela alcoolização, que é uma intervenção bem mais simples e isenta de qualquer perigo ou complicação.

O bloqueio do plexo hipogástrico superior pela alcoolização, atua como uma verdadeira secção química. Temos lançado mão do álcool absoluto em frasco ampolas de 10 cc preparado recentemente por laboratórios.

A técnica para a alcoolização é a seguinte: após incisão laparotômica tipo Pfannenstiel, ou infraumbilical ou mesmo a simples incisão de Scolo, que às vezes usamos para a apendicectomia, procedemos a uma inspeção dos órgãos genitais internos. Desde que nada esclareça como possível causa da dismenorréia, injetamos ao nível do promontório, em sua porção mediana, por intermédio de seringa de 10 cc com agulha montada tipo raque, 5 a 8 cc de álcool absoluto.

É suficiente introduzir a agulha através do peritônio posterior, aprofundando-a 3 a 4 milímetros. Após a injeção de álcool absoluto no tecido retroperitoneal, onde se acha localizado o plexo hipogástrico superior, percebemos a progressão do líquido que se infiltra neste tecido, determinando ligeiro abaulamento e uma coloração nacarada, perdendo completamente o peritônio, a este nível, o seu brilho característico.

Em seguida à alcoolização, procedemos ligeira massagem no local da punção, para maior difusão do álcool no tecido subperitoneal posterior. Não devemos temer pela possibilidade de refletir uma mínima porção de álcool absoluto pelo orifício de punção.

Como vemos, a alcoolização do plexo hipogástrico superior é uma operação controlada pela vista e de fácil execução em região livre de perigo. A alcoolização efetua uma verdadeira secção química do plexo hipogástrico superior, interessando os filetes simpáticos, a este nível, pela difusão fácil e rápida do álcool no tecido

célulo-fibroso retro peritoneal e em toda a extensão do promontório. Está provado pelos estudos de Beriel, que o álcool não é neurolítico.

Os exames efetuados por este autor, em filetes nervosos que sofreram a ação do álcool absoluto, encontraram lesões mínimas.

As pacientes por nós observadas, nunca apresentaram complicações no pós-operatório imediato ou remoto. Nenhuma perturbação notamos para o lado do aparelho genital feminino. As perturbações dolorosas do período menstrual desapareceram em 75% dos casos por nós tratados. Acompanhamos pacientes durante vários meses e mesmo anos, e verificamos que a maioria delas tinha sido curada das suas dores menstruais. Entretanto, um pequeno número de doentes tornou a ter as suas dores no período menstrual, porém de intensidade bem mais suportável.

Mesmo a própria operação de Cotte isolada ou associada a operações de Castaño como idealizou e vem usando A. Wolff Neto, de São Paulo, nos síndromos de congestão pélvica, algomenorréias essenciais, etc., tem também os seus bons e maus resultados.

As indicações da alcoolização do plexo hipogástrico superior são inúmeras, sendo mais recomendável o seu emprego nas algomenorréias ditas essenciais, quando não se encontram lesões anatómicas que as justifiquem. No prurido vulvar devemos tentar a alcoolização, quando todos os recursos clínicos falharem. Em certas perturbações tróficas, como a craurose vulvar, podemos também ensaiar a alcoolização.

Conforme acentuam os autores, do método, "a explicação dos resultados obtidos pela alcoolização do plexo hipogástrico superior, pertence ao terreno das hipóteses.

A extrema complexidade tanto anatômica como funcional deste segmento do simpático; a presença de elementos simpáticos ao lado de elementos para-simpáticos, fibras centrípetas entremeadas com fibras centrifugas, certamente não é de molde a facilitar a solução de tal problema. A maior parte dos autores, tendo Cotte e Leriche à frente, acredita que os bons resultados da ressecção do plexo hipogástrico superior nos síndromos dolorosos uterinos seriam devidos à interrupção da via sensitiva principal do útero.

Numa segunda explicação citam os autores a alteração do tonus da musculatura uterina, pela secção do simpático suprimindo o refluxo causador de uma hipertonia do útero, assim como uma possível modificação da circulação uterina, dada a vaso-dilatação sobrevinda após a ressecção do plexo hipogástrico superior.

